

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Instituto de Artes

MARIANA VIDAL RIBOLLI

AS NARRADORAS:

**entre escutas, diálogos e sensibilidades de escrevedoras de cartas e
arte/educadoras**

São Paulo, SP

2021

MARIANA VIDAL RIBOLLI

AS NARRADORAS:
entre escutas, diálogos e sensibilidades de escrevedoras de cartas e
arte/educadoras

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Arte-Teatro apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Arte-Teatro.

Linha de Pesquisa: Arte; Educação; Narrativa; Oralidade.

Orientadora: Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli

São Paulo, SP

2021

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

R486n	Ribolli, Mariana Vidal, 1997- As narradoras : entre escutas, diálogos e sensibilidades de escrevedoras de cartas e arte-educadoras / Mariana Vidal Ribolli. - São Paulo, 2022. 60 f. Orientadora: Prof.^a Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Arte-Teatro) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes 1. Arte narrativa. 2. Narrativas pessoais. 3. Cartas. 4. Vida urbana. I. Bredariolli, Rita Luciana Berti. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título. CDD 707.1
-------	---

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

MARIANA VIDAL RIBOLLI

AS NARRADORAS:
entre escutas, diálogos e sensibilidades de escrevedoras de cartas e
arte/educadoras

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Arte-Teatro apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Arte-Teatro.

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em: 23/02/2022

Banca Examinadora

Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli
Instituto de Artes – Orientadora

Profa. Karla Neves Lacerda Norato
São Judas Campus UNIMONTE

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à minha amada família, que significa tudo para mim e a qual sou extremamente próxima: minha mãe Silvania; meu pai Maurício; meus avós Landa, Cida, André, Gegê e Geny; minhas tias e tios e minhas primas e primos. Eles foram os responsáveis por plantar as primeiras sementes que compõem o jardim que sou hoje.

Agradeço aos meus amigos próximos: alguns da época da escola, outros que trabalharam comigo no museu, aos que encontrei em Regina e aos da minha turma de graduação do LAT 017. Eles são peças-chave para mim, sempre preenchendo minha vida pessoal (e profissional) com flores belíssimas nesse jardim. Em especial, agradeço os meus queridos amigos que me ajudaram a compor o presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC): Gabi, Jú, Gê, Jana, Ana e Kauê.

Agradeço à minha companheira Emma, que esteve comigo desde o começo da ideia desse trabalho, endireitando todas as plantas do meu jardim, quando as tempestades quase o destruíram, me dando amparo e me confortando em todas as horas.

Agradeço à minha orientadora Rita, que, com toda calma, paciência e carinho, me ouviu e me aconselhou da maneira mais pura e sensível, sempre adubando meu jardim, que ora ou outra necessitava disso.

Agradeço às gentis escrevedoras de cartas: Christina, Cristina, Margarida, Marília, Martha, Nanci, Neiva, Rosalice e Roseli. Elas foram como abelhas polinizadoras, desta pesquisa, devo a cada uma o florescimento de muitas coisas bonitas no meu jardim, neste último trabalho da graduação.

Agradeço a todas e todos que cruzaram meu caminho e somaram à minha narrativa. A certeza que fica é a de que cada um foi gota de água importante, que fortaleceu todas as plantas desse jardim.

Agradeço a contemplação que tive com a Bolsa de Iniciação Científica pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Unesp, apresentado no EDITAL 01/2020 - PROpe, contemplado pelo RN CNPq 017/2006 e RN CNPq 042/2013.

RESUMO

A travessia por histórias sempre me foi algo entusiasmante. Na grande cidade de São Paulo vivem 12 milhões de pessoas e deduzo que, aproximadamente, quase mil delas passam por mim diariamente. As possibilidades de narrativas que cruzam com a sua são infinitas. Mas, as pessoas realmente se importam com essas narrativas na correria do mundo moderno? Desde criança sempre fui uma garimpeira de histórias e devo isso aos meus avós. Esse trabalho vem com meu desejo de continuar procurando e pesquisando narrativas de forma poética e sensível, mesmo estando em uma sociedade ocidental, que é engolida diariamente pela informação. Meu encontro com nove escrevedoras de cartas, que possibilitaram o encontro de suas respectivas narrativas com as de quatro arte/educadoras, resultaram em um experimento documental audiovisual e nesta presente escrita sensível sobre a descrição do processo de criação do vídeo, no qual escutas e narrativas compõem a essência desse Trabalho de Conclusão de Curso.

Palavras-chave: narrativa; história; oralidade; escrevedoras de cartas; arte/educadoras; experimento documental.

ABSTRACT

The journey through stories has always been exciting to me. 12 million people live in the big city of Sao Paulo and I deduce that approximately almost a thousand of them pass by me daily. The possibilities of narratives that intersect with yours are endless. But do people really care about these narratives in this hustle and bustle of the modern world? Since I was a child I have always looked at stories like a miner looks for gold and I owe that to my grandparents. This work comes from my desire to continue searching for narratives in a poetic and sensitive way, even in a western society, which is daily saturated by information. My meeting with nine letter writers and the meeting of their narratives with four art/educators's narratives resulted in this audiovisual documentary experiment and in this sensitive writing piece about the description of the video creation process, in which listening and narratives compose the essence of this Final Honors Project.

Keywords: narrative; history; storytelling; letter writers; art educators; documentary experiment.

Lista de Abreviaturas e Siglas

IC - Iniciação Científica

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 AS NARRATIVAS	12
2.1 AS ESCREVEDORAS	17
2.2 AS ARTE/EDUCADORAS	18
3 A ESTRUTURAÇÃO DO EXPERIMENTO DOCUMENTAL	19
3.1 OBJETIVOS DO EXPERIMENTO DOCUMENTAL	24
4 O PROCESSO DE CRIAÇÃO DO EXPERIMENTO DOCUMENTAL	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO EXPERIMENTO DOCUMENTAL	38
ANEXO A - TERMOS DE CONSENTIMENTO	48

1 INTRODUÇÃO

O presente escrito registra as ideias que resultaram o experimento documental *As narradoras: entre escutas, diálogos e sensibilidades de escrevedoras de cartas e arte/educadoras* a ser apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação em Licenciatura em Arte-Teatro pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), com a orientação da professora doutora Rita Luciana Berti Bredariolli.

Antes de falar propriamente sobre meu TCC, parto da breve explicação da minha precursora pesquisa de Iniciação Científica (IC), que foi o princípio da ideia do experimento documental. Há mais de um ano atrás, quando comecei minha IC intitulada *Fernanda Montenegro no corpo da professora: relações entre educação, cinema e interpretação no Brasil, na criação da personagem Dora, de Central do Brasil* percorri caminhos que cercavam a personagem do filme *Central do Brasil*, de maneira que estudei as experiências profissionais da atriz Fernanda Montenegro, relacionando-as com o cinema proposto pelo diretor Walter Salles, fruto este de um realismo que consequentemente transbordava na atuação do longa-metragem, entendendo assim o processo feito até chegar na criação da personagem Dora, e por fim desembocando numa reflexão sobre a educação denominada “*Ética de Dora: opressão e educação libertária*”.

Nesta última sequência de estudos parte da pesquisa de Iniciação Científica, voltei-me para a questão da educação, sendo que o ponto que me intrigava era o de reconhecer o meu ofício de educadora em Dora, uma professora do primário, aposentada, que no filme completa sua renda com o trabalho de escrevedora de cartas na Estação Central do Brasil, e logo de início já se mostrava inverter a ética da educação, em sua definição mais digna, enganando todos que procuravam seus serviços ao não enviar as correspondências aos destinatários solicitados. Meus caminhos de investigação sobre as ações de Dora tiveram como base a comparação da ficcionalização dela, uma ex-professora "inventada", a um modelo significativo de perspectivas da educação libertária apresentada por Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* (1968). Além disso, outras importantes referências utilizadas foram: *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade* (1994), *O significado da velhice na sociedade brasileira* (2000), *A constituição social da subjetividade: notas sobre Central do Brasil* (2000) e *Desvalorização do Trabalho Docente Brasileiro: Uma Reflexão de*

seus Aspectos Históricos (2017). Tendo por base o conteúdo deste meu estudo de IC, comecei a desenvolver a ideia do Trabalho de Conclusão de Curso apresentando como disparador inicial a tentativa de descolar a personagem Dora das telas e localizar pessoas que seguissem passos parecidos aos dela.

Durante esse ano da pesquisa de Iniciação Científica, que começou e terminou no período pandêmico, a sensação de solidão era imensa, havia apenas livros, computador e eu para realização do estudo. Sou uma pessoa que gosta muito de trabalhar em coletivo e isso caiu por terra em todas as instâncias da vida no ano de 2020. A ideia vaga que eu tinha do meu TCC ser algo que comunicasse diretamente com as pessoas, virou minha prioridade. A minha fabulação para isso era a de tentar encontrar as “Doras” da vida real, escrevedoras de cartas e/ou professoras aposentadas, e navegar por suas histórias. Mas gostaria de navegar acompanhada, não mais borbulhando reflexões comigo mesma, porém compartilhando as minhas descobertas com pessoas próximas a mim, então vinha a minha mente colocar minhas parceiras de profissão, estudo e vida, compondo com tudo isso. Para que essa proposta constituída por diálogos entre essas mulheres e suas oralidades ganhasse forma, fui me achando através das conversas que tive com a minha querida orientadora Rita, a fim de juntar as peças e dar forma a tudo isso.

2 AS NARRATIVAS

As pessoas são feitas de histórias e memórias, entretanto, engolidos pela necessidade de informação, essas narrativas orais vão se perdendo, principalmente desse lado do planeta, como veremos a seguir. Felizmente, desde que me entendo por gente lembro de estar conectada às narrativas por um laço afetivo, isso graças aos meus avós, que sempre tinham histórias para compartilhar comigo. Eu vivia na casa da minha avó e avô paternos, eles moravam bem perto da minha residência, então meu contraturno escolar era na casa deles e isso perdurou até eu ingressar no ensino superior e mudar para a cidade de São Paulo. Confesso que hoje em dia, quando há uma brecha para eu regressar a Campinas, minha cidade natal, tudo volta a ser como antes, eu na casa dela, escutando suas histórias e enchendo a sua cabeça com perguntas, infelizmente meu avô não está mais aqui para continuar a compor as narrativas. E não era diferente com meus avós maternos, que moram num sítiozinho de uma cidade do Vale do Paraíba, e me acolhiam o mês todo de férias escolares de julho. Hoje ainda me acolhem lá em Pindamonhangaba, nos respiros dos finais de semana dos dias corridos da vida adulta, sempre com um bolinho de chuva na mesa, regados as histórias dos causos de suas vidas. Isso tudo para contextualizar que a narrativa foi algo que sempre me chamou a atenção, desde a infância. Como uma boa garimpeira de histórias que sou, minha certeza de que todas as pessoas têm algo para nos ensinar e histórias para contar sempre me moveu a procurá-las e colecioná-las ao longo dos anos.

A conexão entre o meu TCC e as oralidades foi uma maneira de resgatar algumas narrativas, com o bônus de eu finalmente sair da solidão de uma pesquisadora e começar a dialogar com pessoas que estavam diretamente envolvidas ao meu tema de estudo. A procura por mulheres da vida real que fossem escrevedoras de cartas, assim como a personagem Dora, e que levassem consigo não só as suas narrativas pessoais, mas as narrativas de tantas outras pessoas que passaram por elas e deixaram histórias para serem gentilmente colocadas nas cartas, tornou as narrativas o meu objeto de trabalho.

Na tese *A tessitura da palavra: um estudo sobre oralidade africana na obra literária de Amadou Hampâté Bâ* (2019), a autora Eumara Maciel dos Santos comenta sobre as narrativas proverbiais de contos e poesias serem responsáveis pela transmissão de ensinamentos milenares em muitas sociedades africanas, sendo um valor civilizatório, patrimônio cultural de um povo, totalmente diferente do que vemos no nosso mundo

ocidental, que inferioriza a tradição oral, a leva para as mazelas do esquecimento moderno e exalta a escrita informacional. A comparação que ela faz sobre a importância que o Ocidente dá a oralidade contrapondo muitos povos africanos, gera o alerta quase que sinônimo dessa comparação: “precisamos lembrar de que a oralidade não é exclusividade africana, nem a escrita é eminentemente ocidental” (SANTOS, 2019, p. 48), exatamente para não nos esquecermos da oralidade em nossa cultura do Ocidente e nem tentarmos nos apropriar da escrita como sendo exclusivamente nossa, envolvidos em um estereótipo colonizador de sermos mais civilizados por termos a escrita como meio principal de passar o conhecimento. Ela usa o escritor malinês Hampâté Bâ para ir desenhando a importância da fala nessa diferença entre educação moderna ocidental e educação na tradição oral africana, e compara a vivacidade dos ensinamentos de ambos os casos, onde apenas “o conhecimento herdado da tradição oral encarna-se na totalidade do ser” (HAMPÂTÉ BÂ, 2010 *apud* SANTOS, 2019, p. 22).

[...] Os instrumentos ou as ferramentas de um ofício materializam as Palavras sagradas; o contato do aprendiz com o ofício o obriga a viver a Palavra a cada gesto. Por essa razão a tradição oral, tomada no seu todo, não se resume à transmissão de narrativas ou de determinados conhecimentos. Ela é geradora e formadora de um tipo particular de homem. (HAMPÂTÉ BÂ, 2010 *apud* SANTOS, 2019, p. 22)

Assim como também cita o filósofo russo Bakhtin para afirmar que a linguagem, tendo a palavra como território comum do locutor e interlocutor, depende então das relações sociais receptoras de enunciados. O que vai de encontro com as ideias de Walter Benjamin, no texto *O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* (1936), que traz o caráter de comunhão que a narrativa tem uma experiência enquanto proposta que é construída em coletivo, se fazendo muito da memória e colocando a sabedoria em primeiro lugar, contrapondo com a modernidade individual, numa preferência pela informação, ciência e reminiscência, vindo a explicação em um primeiro plano, sem sobrar espaço para uma reflexão. Para exemplificar esse indício inicial da evolução moderna, que não procede da tradição oral e nem a alimenta, Benjamin elucida o período pelo gênero romance como um desserviço da narrativa, vindo ao emprego da informação, onde ele se difunde graças à invenção da imprensa, natureza essa totalmente distinta da narração e que coloca a escrita como principal veículo de disseminação.

Nesse sentido, quando pensamos em narração no Ocidente moderno acaba sendo preocupante. A busca e apreciação por ela é algo que vai se esvaindo, entrando em vias

extintas a arte de narrar, como o próprio autor comenta. Ele adiciona que as pessoas estariam “privados da faculdade que nos parecia segura e inalienável” (BENJAMIN, 1994, p. 1), sendo cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Essa “faculdade” de troca de experiências, que é a narração, tem como fonte primordial a transmissão oral de pessoa a pessoa, e passa a ser o principal ponto movedor da minha pesquisa.

O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. Em comunidades que fazem o uso da narração, há o dom de ouvir e repetir a história (BENJAMIN, 1994, p. 5).

Com a presente pesquisa, busquei garimpar as experiências narradas pelas escrevedoras de cartas que trabalham com narrativas diariamente, colocando em prática o dom de ouvir e repetir a história. Para a utilização das experiências de vida e autobiografias como o método de pesquisa do meu estudo, a obra *Um pé em cada canoa: Professores de artes entre museus e escolas* (2017), de Diana Tubenchlak Peres, aponta a necessidade do olhar a singularidade de cada narrativa que forma o coletivo, usando o termo “singular-plural” da socióloga francesa Marie-Christine Josso para explicitar a dimensão social fundamental de toda particularidade que cada integrante carrega, sendo essencial entender as diferenças entre as narrativas que vêm como autobiografias e como histórias de vida para compor esse ambiente comum.

[...]autobiografia opõe-se à tentativa de totalização inerente à metodologia das histórias de vida porque se relaciona somente a trechos da vida, a recortes de uma existência, partindo de uma temática específica, por exemplo quando se pede ao adulto que construa a sua narrativa focalizando unicamente a questão do trabalho. Ou seja, enquanto a autobiografia recupera flashes da memória, as histórias de vida partem sempre de um foco global que procura abarcar todas as dimensões da existência (JOSSO, 1988 *apud* MATTAR, 2002 *apud* DIANA, 2017, p. 19).

O intuito de aguçar minha sensibilidade para essa questão de autobiografia e história de vida foi de conseguir trabalhar tanto com as narrativas individuais das escrevedoras de cartas e das arte/educadoras quanto com a coletividade formada entre essas a partir do momento em que se relacionam e criam esse mosaico de sensações, sentimentos, expressividades e histórias.

Para esse encontro acontecer, foi necessário muito mais do que narradoras, foi preciso escuta. O fato da tradição oral cair em esquecimento em muitas sociedades ocidentais, faz com que haja o desaparecimento de comunidades de ouvintes. Ouvir é um dom, e a partir do momento que não praticamos essa aptidão, por simplesmente deixar de lado as narrativas, as

histórias se perderão cada vez mais, pois não serão ouvidas e assim, impossibilitadas de serem reproduzidas e conservadas, quebrando esse rito que é o compartilhamento oral das narrativas.

Eumara Maciel dos Santos menciona que a relação entre ouvinte e narrador é dominada por um interesse de conservar o que foi narrado, e consequentemente compartilhar a mesma narrativa escutada, sendo que para esse ouvinte a importância seria de assegurar a possibilidade da reprodução dessa história, e disso a memória seria a mais épica de todas as faculdades. “‘Esteja sempre à escuta’ [...] ‘tudo fala, tudo é palavra, tudo procura nos comunicar um conhecimento.’ [...] Desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como cera virgem” (HAMPÂTÉ BÂ, 2003 *apud* SANTOS, 2019, p. 50).

Sem ouvir não há narrativa, difundir a narrativa adiante, concretizando sua função, só se torna possível a partir do momento em que se há a escuta. No texto *Escutatória* (1999), Rubem Alves problematiza o fato das pessoas estarem sempre dispostas a falar, mas nunca a escutar, onde estaríamos sempre prontos a dizer algo depois da fala de alguém, sem ao menos refletir sobre a mesma, como se fosse um “palpite melhor” para aquilo que foi dito, numa vaidade solene do mundo moderno. Ele exemplifica o silêncio como se fosse uma comida que precisa ser digerida, ao passo que aquele pensamento falado geraria uma reflexão interna que ponderaria tudo o que foi falado, ocasionando esse silêncio. Assim sendo, para haver narrativa, tem que haver silêncio para acolher a história.

Penso em tudo isso, com a finalidade de colocar em prática o meu desejo para esse TCC, afinal, sou parte também dessa sociedade moderna ocidental, sociedade esta que segue na tentativa de extinguir a oralidade e a reflexão, num individualismo exorbitante em que só se quer falar e se esquece de escutar. Trabalhar narrativas exigiu muito mais sensibilidade do que eu havia pensado. Querendo não ser atropelada pela vida moderna, encontrei o caminho da narrativa na trajetória desta pesquisa, que prioriza a experiência coletiva, num encontro de oralidade, em que a delicadeza das mãos de um artesão é necessária para lidar com as histórias e fazer esse encontro acontecer, sendo a companhia meio principal para esse fim, ouvinte e locutor precisam estar presentes, havendo então a possibilidade de um compartilhamento de história.

A relação de narrativa inerente à escuta se expande para o ofício de professora e de escrevedora de cartas. Para ambas, essa relação se faz extremamente necessária. Quando falo no ofício de professora, me baseio na comparação do modelo de pedagogia engajada, por ser

o caminho da educação que acredito. Bell hooks fala em seu livro *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade* (1994) sobre a tal comunidade de aprendizagem, o ponto central em sua prática educativa fundamentada na concepção de educação libertária de Paulo Freire, que seria justamente uma horizontalidade entre professor (a) e estudante para que haja participação dos mesmos no processo de ensino-aprendizagem, instaurando uma atmosfera de confiança e compromisso, em um diálogo de diferenças, cuja todas as vozes devem ser escutadas, sendo a função do educador (a) quebrar ao máximo a “cultura da dominação” que parte da sociedade, reproduzindo vozes que silenciam outras, numa certa propagação da colonização.

A criação de um ambiente participativo, com compartilhamento de experiências, ideias e histórias, transitante por vozes, expressões, perspectivas e lugares de falas distintas, à medida em que frente à elas se mantenha a criticidade, é onde se instaura esse conhecimento de aquisição não individual em uma educação democrática. A possibilidade disso acontecer só se efetiva a partir do momento em que os professores prezam pela sensibilidade de escuta do outro, sendo esta tão necessária quanto a participação com falas e escritas dos que integram o grupo. Dada a importância de ser um ouvinte atento às narrativas que são partilhadas em sala de aula, realizo a conexão direta entre o ofício de educador (a) e o de escrevedor (a) de cartas.

Com um papel e uma caneta na mão, o trabalho dessas pessoas que transcrevem cartas perpassa também por esse lugar diferenciado de sensibilidade, em que disponibilizar uma escuta total ao outro é fundamental para que haja essa transcrição de narrativas contadas em palavras escritas. A função desses escrevedores é algo que transcende no campo da experiência, são histórias trazidas por pessoas de vários lugares, a serem enviadas como mensagens a outros vários locais, carregando as mesmas emoções dos dizeres dos remetentes nas palavras escritas pelos escrevedores. Para que isso aconteça, uma parceria deve se estabelecer entre o indivíduo que procura os serviços e a pessoa que o realiza. A história deste primeiro sujeito permanece em um foco de atenção total, para ser devidamente transpassada no papel pelo segundo, chegando assim intacta ao destinatário a quilômetros de distância. O trabalho dos escrevedores de cartas nada mais é que um intermédio de uma narrativa da oralidade a ser transformada em uma narrativa escrita, ficando evidente que a escuta seria o ponto primordial deste mediador de narrativas, tendo que aguçar-la para ter a capacidade de reproduzir no papel cada história que entra em contato.

Em ambos ofícios há uma inversão da lógica moderna da sociedade ocidental, em que posicionam as narrativas como prioridade e prezam pelas escutas, validando indivíduos, sejam eles os estudantes ou os que procuram pelos serviços de cartas, enquanto narradores de suas próprias experiências. Assim sendo, o que pretendi esmiuçar no meu experimento documental foram as narrativas pessoais de escrevedoras de cartas, em contato com as escutas das arte/educadoras e suas próprias narrativas, na tentativa de manter viva as oralidades dessas mulheres e me restaurar enquanto garimpeira de histórias.

2.1 AS ESCREVEDORAS

Minha investigação para encontrar escrevedoras de cartas que compartilharam suas narrativas se concretizou quando localizei o *Programa Escreve Cartas do Poupatempo de São Paulo*, um projeto inspirado no filme *Central do Brasil*, que tem por objetivo ajudar pessoas com conhecimento reduzido ou nulo de escrita, gratuitamente para toda população. Até 2018 o *Escreve Cartas* atendia em cinco postos da Grande São Paulo, dentre eles estão os pioneiros desse atendimento criado em 2001, o *Poupatempo de Santo Amaro* e o *Poupatempo de Itaquera*¹. A maioria das voluntárias e voluntários do programa são pessoas aposentadas, que disponibilizam seus trabalhos de escrevedores de cartas, transcrevendo no papel as mensagens dos que transitam pelo postos do Poupatempo, depositando as mesmas nos *Correios*, exatamente o mesmo ofício da personagem Dora no filme. Além disso, seus serviços de escrevedores se estendem ao passo que ajudam nas criações de currículos também. A partir desse achado, comecei a me mobilizar para entrar em contato com as voluntárias do projeto, o que não foi tarefa fácil devido a situação pandêmica que forçou a interrupção de seus serviços desde o começo de 2020, sem uma previsão para o retorno, principalmente levando em conta que grande parte dos voluntários são idosos, caracterizando o grupo como de alto risco.

Através de reportagens sobre o programa do Poupatempo e com ajuda das redes sociais, agendei entrevistas por ligações com nove voluntárias, mulheres que trabalham ou trabalharam como escrevedoras de cartas no *Escreve Cartas*. As entrevistas são os objetos principais deste estudo, elas contêm as narrações dessas nove mulheres, próprias sujeitos da

¹ PORTAL DO GOVERNO. **Poupatempo**: Escreve Cartas supera marca de 293 mil atendimentos. São Paulo, 05/12/2018. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/poupatempo-programa-escreve-cartas-supera-marca-de-293-mil-atendimentos/>. Acesso em: jun. 2021.

pesquisa, em que têm total voz para contar suas histórias enquanto escrevedoras, em uma condução de conversa feita à base da escuta.

As narrativas dessas voluntárias escrevedoras de cartas se relacionam com relatos de diversas pessoas que solicitam ajuda com a escrita, depositando total confiança nelas, para que consigam se comunicar através das mensagens. Sentadas ali, acolhem enredos que passam por elas todos os dias, com a generosidade de percepção e escuta. Essas mulheres reconhecem as existências de outras pessoas como histórias de vidas, e que consequentemente interligam-se suas próprias narrativas. Mas o que significa escutar histórias de pessoas para enviá-las a outros indivíduos? Por que resolveram emprestar seus ouvidos, atenções e escritas para pessoas desconhecidas que as procuravam? Quem eram essas pessoas que sentavam na frente delas e lhe confiavam parte de suas vidas? Quem são essas mulheres escrevedoras agora? Quem foram elas, antes de se tornarem escrevedoras? Qual foi a narrativa mais marcante em suas vidas no voluntariado?

Minha vontade era de escutar. Ouvir o que elas tinham a dizer, escutar suas narrativas de vida, abertas para mim desde o princípio de maneira tão sincera. Minha vontade sempre foi de escutar e pedir licença para adentrar aos universos alheios das histórias que me rodeiam.

2.2 AS ARTE/EDUCADORAS

Logo que comecei a pensar no Trabalho de Conclusão de Curso, me veio a certeza de que gostaria que minhas amigas, ingressantes no curso de Licenciatura em Arte-Teatro na UNESP de 2017, fizessem parte dele. Durante esses cinco anos de graduação, o coletivo composto pelos que eram da minha turma foi essencial para mim, no meu processo de formação contínua enquanto arte/educadora, artista e pessoa. A troca de experiências, o compartilhamento de vivências, as formas artísticas de se expressar e tudo o que veio ao longo desse tempo, só me adicionou nessas instâncias da vida. Para mim fazia total sentido colocar essas pessoas para comporem junto comigo nesse último projeto como graduanda na Universidade.

Trazer essas mulheres que tanto me inspiram foi uma maneira que encontrei para compartilhar a escuta das narrativas, em delicadezas e afetos que transbordassem para além de mim. A vivência desse híbrido artístico e educacional que cada uma tem, acrescenta possibilidades de caminhos diferentes para abrigar as narrativas colhidas das escrevedoras.

Quando pensei nessa relação de sensibilidade para acolher depoimentos das voluntárias, entrelaçando-os aos universos das arte/educadoras, possibilitado por um exercício prático poético da escuta, me confortei em saber que estava cercada de ótimas artistas, que poderiam participar disso.

Minha pretensão com as arte/educadoras foi a de entender como cada uma delas acolheu as narrativas das escrevedoras na sua maneira única e como se expressaram em relação a isso, observando como cada uma das arte/educadoras participantes se posicionou, com a sua própria narrativa, diante de outras histórias potentes que se interligaram sutilmente com seus próprios ofícios na arte/educação, visando um exercício de aguçar suas sensibilidades individuais e abrindo reflexões que trataram diretamente de suas vivências como arte/educadoras.

3 A ESTRUTURAÇÃO DO EXPERIMENTO DOCUMENTAL

Pensar em narrativas como tema de estudo e trabalhar a oralidade coletiva foi o que me instigou a extrapolar o formato da escrita acadêmica, buscando o formato audiovisual. Além da temática estudada, esta sendo uma pesquisa prática vai de encontro com meu curso de formação pelo *Instituto de Artes*. O resultado do meu TCC foi o experimento documental, o vídeo veio como ferramenta que tornou possível trabalhar narrativas em coletivo, através do caminho poético, dentro da academia.

Manusear a espontaneidade das escrevedoras de cartas meio a reflexões abertas das arte/educadoras, me conduziu as características de gravação que compõe o *cinéma-vérité*, “cinema-verdade”², desenvolvido pelo cineasta francês Jean Rouch, onde há a captura da vivência daquelas pessoas que estão sendo filmadas através de uma proposta provocadora de acontecimentos causados pela participação declarada do diretor no documentário, o que se uniu basicamente à minha ideia de mediação para as quatro etapas de produção do vídeo (a serem explicadas mais adiante).

A clássica relação entre observador e observado presente na antropologia, com a câmera de Rouch ganha uma outra dimensão. Quem filma (observador) e quem está

² O “cinema-verdade” surgiu nos anos 1960, procedido pelo *Cinema Direto* como uma nova forma de documentário. Sendo uma vertente documental facilmente confundida com seu predecessor, ele tem a participação ativa do diretor e equipe no processo de criação filmica entre estímulo e interação, em que o foco documental não é mais analítico, tornando o encontro propício à escuta do outro. Mais informações em *O Real no Cinéma-Vérité* (2018). Disponível em: http://www.gestaouniversitaria.com.br/system/scientific_articles/files/000/000/507/original/O_REAL_NO_CINEMA_. Acesso em: jul. 2021.

sendo filmado (observado) constroem e investigam juntos e ao mesmo tempo. (COELHO, 2009, p. 5).

Na cena inicial do filme *Crônica de um verão* (1961), de Jean Rouch, umas das referências principais do “cinema-verdade”, ouve-se a voz em *off* do diretor explicando rapidamente a relação das pessoas que aparecem na obra: “Este filme não foi representado por atores, mas vivido pelos homens e mulheres que dedicaram momentos de suas vidas a uma experiência nova de cinema-verdade”³, sendo este o exercício proposto no presente experimento documental, capturando momentos das narrativas e reflexões das mulheres, escrevedoras e arte/educadoras, participantes do trabalho, conduzidos por meio de uma produção de estímulos, em que há elementos imprevisíveis nessa regência orgânica das gravações.

Tendo o básico sobre o “cinema-verdade” e as principais obras de Jean Rouch como referência fílmica, estruturei as etapas de criação do experimento documental em quatro momentos:

- O primeiro passo foi o de coletar as narrativas das voluntárias escrevedoras de cartas do programa *Escreve Cartas* do *Poupatempo de São Paulo*, através de entrevistas individuais em chamadas de voz, tendo as mesmas seus áudios gravados com a permissão de cada entrevistada. A escolha desse método de pesquisa foi justamente sua natureza interativa de um evento discursivo, tratando-se de uma relação social entre entrevistadora e entrevistada. Meu objetivo era acolher cada história individual de cada uma das mulheres em suas respectivas experiências escrevendo cartas no programa, optei pelo tipo de entrevista em que há uma pré-estrutura de mediação a ser seguida, mas, em suma, visa a liberdade de resposta e reflexão da entrevista⁴. Esses áudios fazem parte do conteúdo direto do vídeo documental e são também a matéria-prima para as etapas seguintes.

[...] o termo entrevista advém dos radicais latinos *inter* e *videre*, e pode-se entendê-lo etimologicamente como ‘entre olhos’, ‘no meio dos olhares’, ‘dar uma olhada’, ‘ver-se mutuamente’, ‘ver juntos’, situações observáveis numa relação de entrevista pessoal. Trata-se de um instrumento precioso de conhecimento interpessoal, facilitando, no encontro face a face, a apreensão de uma série de fenômenos, de elementos de identificação e de construção potencial do todo do entrevistado e, de certo modo, também do entrevistador. [...] Para a psicologia, a

³ *Chronique d'un été..* Direção: Jean Rouch. França: Argos Films, 1961. (86 min.).

⁴ Ver *Entrevista como técnica de pesquisa qualitativa* (2006), citado nas referências bibliográficas.

entrevista é definida como instrumento de investigação no qual se sublinha a função de relacionamento. (SILVA; MACÊDO; REBOUÇAS; SOUZA, 2006, p. 247)

A busca primordial das entrevistas foi estabelecer conversas da forma mais natural e confortável possível. Essa conversa se estendeu além de entrevistada e entrevistadora, sendo o provocador de outros encontros entre escrevedoras e arte/educadoras.

Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. (BENJAMIN, 1994, p. 7)

- O segundo passo foi colocar previamente cada arte/educadora em contato com depoimentos de escrevedoras diferentes. Foram nove escrevedoras de cartas e quatro arte/educadoras: cada arte/educadora escutou dois áudios de escrevedoras diferentes, sendo que uma delas escutou três áudios. Em seguida, em uma entrevista presencial, individual e gravada, as arte/educadoras se expressaram abertamente sobre como a narrativa que ouviram reverberou nelas, se expressando através de imagens poéticas sobre as próprias escrevedoras ou como foram afetadas com suas respectivas histórias. A condução desta entrevista foi feita de maneira livre, num discurso espontâneo e não formal, onde ocorreu um fluxo de ideias naturais, possibilitando a investigação acerca da realidade e da personalidade humana de cada entrevistada, em que elas direcionam as perguntas conforme suas próprias respostas anteriores.

Quanto à entrevista não diretiva, não dirigida ou aprofundada é iniciada a partir de uma conversação sobre um tema geral não estruturado pelo entrevistador. Este tem a função de facilitador e cooperador, orientando e estimulando o entrevistado no sentido de precisar, desenvolver e aprofundar aspectos expostos espontaneamente por ele. O entrevistado desenvolve opiniões e informações conforme a própria conveniência e espontaneidade, expressando seu sentimento. (SILVA; MACÊDO; REBOUÇAS; SOUZA, 2006, p. 250)

Na sequência, elas escreveram uma carta a uma escrevedora que tiveram contato com o depoimento.

- O terceiro passo consistiu em uma prática com todas as arte/educadoras participantes da pesquisa, onde a técnica do *Grupo Focal*, explicitada a seguir, foi utilizada para estudos exploratórios, com a finalidade de estimular novas ideias e reflexões acerca da relação entre o trabalho das escrevedoras de cartas com quem tiveram contato através das áudio-entrevistas coletadas na primeira

etapa e o trabalho de arte/educadora, envolvendo aí a própria experiência e narrativa de cada uma delas, visando assim proveitosas interferências e diferentes perspectivas em torno dessa questão central que é o diálogo entre esses dois ofícios. Essa etapa foi toda gravada unicamente para registro, sendo assim, ela não integra o vídeo do experimento documental.

O grupo de arte/educadoras participantes do estudo segue a mesma formação acadêmica e de experiências profissionais voltadas para as artes da cena e educação, sendo esse o requisito fundamental de familiaridade coletiva e vivência do tema que investigo, para a utilização dessa técnica como forma de captação de expressividade e discurso. Segundo Bernardete Angelina Gatti, em seu livro *Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais* (2005), a técnica do *Grupo Focal* nunca deve realizar uma síntese direta e objetiva, ela será utilizada para explicitar pontos de vista de determinada problemática, sendo a moderadora responsável por não intervir de forma direta, afirmativamente ou negativamente, com opiniões particulares, e sim encorajando o compartilhamento de ideias entre as participantes, clareando as prioridades do debate, oferecendo *insights*, facilitando assim expressões de ideias.

A coletividade dessa técnica é o que me chama a atenção para seu uso, comparada com entrevistas, há um ganho no processo em relação a conteúdos cognitivos, emocionais, representacionais, menos individualizados, como a própria autora descreve no primeiro capítulo de seu texto.

O grupo tem uma sinergia própria, que faz emergir ideias diferentes das opiniões particulares. A uma relação de questões que é própria do trabalho particular do grupo mediante as trocas, os reassuramento mútuos, os consensos, os dissensos, e que trazem luz sobre aspectos não detectáveis ou não reveláveis em outras condições. (GATTI, 2005, p. 14)

Dentro da proposta dessa técnica, escolhi como estímulo inicial, para fomentar a discussão entre as arte/educadoras, a assistir ao filme *Central do Brasil* em conjunto e, em seguida, partir para uma dinâmica prática: um jogo de provocações às expressões de ideias que caminham pelo tema da pesquisa.

O jogo funcionou da seguinte maneira: cada uma das artistas participantes teve um número escrito no papel a ser sorteado. Elas escrevem uma resposta à pergunta chave da discussão “Qual a relação entre o ofício de professora e o de escrevedora de cartas para você?”. Os papéis com os números e com as respostas foram sorteados simultaneamente e a

pessoa selecionada defendeu ou não a resposta sorteada, podendo ser a dela ou não. Um segundo sorteio de números foi feito para que outra pessoa fosse selecionada a refletir sobre a opinião exposta desta última, e assim sucessivamente até que todas expressem suas opiniões. No final, as outras respostas não sorteadas foram lidas para que completassem possíveis ideias faltantes.

A minha vontade com essa prática proveniente do *Grupo Focal* foi ir além de uma discussão convencional, implementando o jogo a esse processo. Como graduanda em Licenciatura em Arte-Teatro, tendo o jogo cênico como prática inerente ao estudo das artes da cena, tenho a consciência de como eles são fundamentais para o fomento de debates, sendo potências para reflexões. O teatro se faz com o jogo, e o jogo naturalmente propicia ao grupo o envolvimento e liberdade pessoal necessária para a experiência. Viola Spolin, desenvolvedora de uma conhecida metodologia de jogos teatrais, estabelece essa importância da dinâmica dos jogos para atingir dimensões sociais, logo no início de seu livro *Improvisação para o Teatro* (2010).

Qualquer jogo digno de ser jogado é altamente social e propõe intrinsecamente um problema a ser solucionado - um ponto objetivo com o qual cada indivíduo deve se envolver, seja para atingir o gol ou para acertar uma moeda num copo. Deve haver acordo de grupo sobre as regras do jogo e interação que se dirige em direção ao objetivo para que o jogo possa acontecer. (SPOLIN, 2010, p. 5).

Sendo o jogo parte da prática do encontro, criou-se mais uma ferramenta que trouxe uma interação entre as arte/educadoras, impulsionando reflexões acerca dos assuntos propostos, sem haver uma imposição de ideias, visando certa autodisciplina, coisa que os próprios jogos teatrais já sugerem em sua essência. “Sem alguém para agradar ou dar concessões, o jogador pode, então, concentrar toda sua energia no problema e aprender aquilo que veio aprender”. (SPOLIN, 2010, p. 6).

- O quarto momento aconteceu ao final desta prática do jogo. As artistas se separaram em duplas, para poderem enviar uma carta para a outra escrevedora com quem tiveram contato (cada arte/educadora ouviu duas escrevedoras, sendo que uma delas ouviu três depoimentos, repetindo-se assim essa dinâmica de transcrição duas vezes). Enquanto uma da dupla ditou a carta, a outra escreveu a mesma, ambas experienciando o processo que acontece entre remetente e escrevedora de cartas, no ato da transcrição.

Essa ação final da quarta e última parte visou trazer uma vivência real do ofício das mulheres escrevedoras que formam a base desta pesquisa, partindo da ação das artistas que compuseram o debate. A experiência empírica trouxe a prática do ofício que as conecta com as voluntárias, relacionando diretamente as voluntárias à narrativa da personagem Dora. As cartas transcritas nesta etapa e as cartas escritas na segunda etapa foram enviadas às escrevedoras, com a finalidade de se estabelecer um diálogo concreto entre os dois grupos, havendo assim uma troca de afeto que se iniciou na escuta sensível dos depoimentos, se materializando no contado da escrita de uma carta para cada uma das nove escrevedoras, por cada uma das quatro arte/educadoras.

3.1 OBJETIVOS DO EXPERIMENTO DOCUMENTAL

Esse experimento documental teve como propósito prosseguir de forma coletiva e prática minha pesquisa individual que partiu de inquietações estimuladas pela personagem Dora do filme *Central do Brasil*, e tomou o rumo na busca de narrativas da vida real de escrevedoras de cartas, que se entrelaçam com histórias de tantas pessoas, incluindo as das arte/educadoras. O resgate das narrativas perdidas no mundo moderno efetivou-se com meu apreço e busca por histórias neste trabalho que procurou adentrar de maneira sensível as narrativas de nove voluntárias do programa *Escreve Cartas* em uma troca de afeto com quatro artistas da UNESP. O objetivo foi o de propagar o estudo de maneira que saísse da esfera individual e da bolha acadêmica, visando um diálogo entre um coletivo que se diferencia em seus ofícios, mas se assemelha em suas ferramentas de trabalho: generosidade, sensibilidade, escuta e possibilidade de afetar e ser afetada.

O intuito do formato audiovisual foi trazer a experiência da oralidade da narrativa como via condutora do estudo, sendo realizado de maneira prática e poética, exercitando consequentemente o fazer artístico durante todo o processo.

4 O PROCESSO DE CRIAÇÃO DO EXPERIMENTO DOCUMENTAL

O processo de leitura da bibliografia se iniciou no primeiro semestre de 2021, organizando os pensamentos em torno da narrativa e o modo de trabalhá-la, junto a busca por

localizar as escrevedoras e preparo para começar as entrevistas no segundo semestre de 2021. No total, foram entrevistadas nove mulheres: Christina Thornton (entrevista realizada dia 16 de setembro), Cristina Fernandes (15 de setembro), Margarida Ladeira (8 de setembro), Marília Chagas (13 de setembro), Martha Siqueira (9 de setembro), Nanci Desação (10 de setembro), Neiva Magali Pena (9 de setembro), Rosalice De Marchi (16 de setembro) e Roseli Rossi Monje (15 de setembro).

Ponto aqui que cada uma delas teve seu processo extremamente particular de compartilhar a sua história, seja ele feito em 20 minutos ou mais de uma hora, as histórias narradas se fazem da sutileza, conduzida por pausas reflexivas, ou por atropelamento de memórias puxadas no momento da pergunta, cada uma encontrou a sua maneira de guiar nossa conversa. Todas as entrevistas foram gravadas, sendo elas parte principal do experimento documental. Nada mais justo do que escutar narrativas vindas diretamente das narradoras ao invés de colocá-las em papel.

As conversas que tive com as escrevedoras, também chamadas aqui de entrevistas, seguem o fluxo que cada escrevedora determinou, ao expor suas falas e pensamentos. Entre as perguntas que fiz, elas colocam brevemente suas histórias, falam da profissão que se entrelaça de certa forma com o voluntariado, como e porquê resolveram ser escrevedoras voluntárias, contam histórias marcantes que chegaram até elas, e depositam desabafos e reflexões em torno do que foram suas experiências como escrevedoras de cartas (e de currículos). Tudo isso com muita gentileza e abertura à uma pessoa estranha a elas, no caso eu, que só conheceram por uma mensagem no *Facebook/LinkedIn/Whatsapp*, e que em uma única ligação de telefone/chamada de áudio compartilharam essas suas narrativas. Com um ar totalmente descontraído instaurado nas entrevistas, pude escutá-las e conhecer um pouco de cada uma.

Margarida Ladeira, a primeira escrevedora com quem conversei, era professora de português da rede pública, e me disse uma coisa que ficou marcada. Em um tom manso e sábio, como algo que já tivesse sido digerido pelas entranhas da reflexão diversas vezes, ela falou: doar o seu tempo é muito mais valioso do que doar qualquer dinheiro. Em uma sociedade engolida pelas informações, em que o tempo do relógio rege qualquer ação, nessa em que há uma luta diária para o não esquecimento das narrativas, essas nove mulheres me doaram o tempo delas para contarem suas histórias. Elas doaram tempo para ouvir as pessoas e escrever as cartas, elas sabiam internamente que olhar nos olhos de alguém é uma das coisas mais preciosas nos dias de hoje e que era assim que conseguiam depositar em palavras todo o

sentimento que traziam para elas naquela mesa instalada nos *Poupatempos* de São Paulo, a cidade exemplo do significado de tempo na atualidade.

Neiva Magali Pena, que trabalhou muito tempo no banco e gostava de escrever, me lembrou da sensibilidade que cada pessoa carrega em si, e que felizmente creio ser ainda essa a essência humana. Entendendo a diversidade das pessoas, ela me pareceu se revisitar em falas e preceitos, para trazer um pouco de igualdade quando escrevia uma carta ou fazia um currículo. Essa ideia de olhar alguém com humanidade, querendo adentrar na narrativa individual de cada um que vinha até ela, colocando assim aquela história em um pedaço de papel, saiu encharcando suas falas em nossa conversa. Me fez sorrir, me fez entender que eu não deveria estar em qualquer outro lugar que não fosse ali, escutando-a, porque num primeiro momento aquela fala de “Mariana, me desculpa, mas não posso falar muito. Vai ser rápido, né?” (informação verbal)⁵, se tornou 51 minutos e 49 segundos de pura reflexão e sensibilidade, de alguém que finalmente falou todos aqueles sentimentos lindos que estavam engasgados em um silêncio há muito tempo.

Martha Siqueira, coordenadora do programa *Escreve Cartas* e secretária aposentada, me lembrou da existência da solidão, em um mundo que conecta tantas pessoas e deixa tantas outras sozinhas. Além de ajuda na comunicação, algumas pessoas, como a Dona Josefa, que procuravam as escrevedoras apenas para conversar com elas, sem precisar mandar uma carta, ou sem ter para quem mandar, ia para lá apenas para ser ouvida. “Mas Dona Josefa, a senhora não vai nem mandar uma carta? ... Pro Malufe? O político? Ah, para falar da calçada da senhora?”(informação verbal)⁶ E é assim, Dona Josefa só querendo conversar e encontrando os ouvidos das escrevedoras, e o diálogo se fazendo primordialmente ali, entre ela e uma voluntária, onde há a troca de afetos. E as cartas, nesse caso, saindo do papel de transmissoras, sendo meros apoios para que a conversa oral aconteça.

Nanci Desação, uma jornalista aposentada e graduanda do curso de Nutrição, é uma poeta em potencial. Ao falar da sua história, suas experiências e reflexões, fez poesia em pouco mais de 20 minutos. Com certeza teriam sido mais minutos, mas o neto precisava da avó, que estava conversando comigo naquele momento. Ela me trouxe a verdadeira imagem do que significa todo esse ofício da escrevedora de cartas: uma colcha de retalhos. Cada pedacinho do retalho tem uma história, uma narrativa, a pessoa (escrevedora) que costura a

⁵ Neiva Magali Pena, entrevistada em 9 set. de 2021.

⁶ Martha Siqueira, entrevistada em 9 set. de 2021.

colcha e manuseia tudo com carinho, de pedacinho em pedacinho faz a colcha, a sua própria narrativa. Tanta beleza na simplicidade poética de sua fala. Eu te agradeço, Nanci, por me colorir com tanta sutileza, e tenho certeza que sua gentileza atingiu cada história que chegou até você.

Marília Chagas, professora aposentada, ficou 16 anos no programa, dentre tantas histórias e mudanças que passaram por ela, viu a modificação da importância da carta ao longo do tempo. O que a priori poderíamos olhar com nostalgia, ela mostrou ser uma coisa boa. “Isso significou que a situação ficou melhor! Se antes aquela pessoa não podia comprar um telefone, naquele momento ela não precisava mais da gente, porque estava com o celular!”(informação verbal)⁷. A empatia vem também nesses pequenos momentos de vitória, ao esquecer que a carta seria também algo menos rebuscado, uma comunicação mais barata, não me lembrei de comemorar também a diminuição dela. Apenas nessa fala de alegria ficou escancarado o fato das memórias boas que trazemos das coisas, às vezes esconderem mais uns privilégios gigantescos. Marília, obrigada.

Roseli Rossi Monje, contadora e professora de matemática aposentada, carrega em si a filosofia de agradecer as pessoas boas que cruzam seu caminho. Espero que ela saiba que ela é essa pessoa boa que cruza o caminho das outras pessoas. Aos que apareciam lá querendo escrever cartas para programas de televisão, porque talvez poderiam mudar de vida, ter uma casa própria, conseguir voltar para a terra natal, ela incentivava. Pode ser que aquele pingote de esperança era o que fazia a pessoa continuar a resistir. Roseli sabia daquilo, e reforçava aquela esperança, na escrita de uma carta que, dentre milhares, talvez nem seria lida, mas havia esperança. E a esperança fazia continuar.

Cristina Fernandes, vinda de seu trabalho em editorial de livros, entendeu que o trabalho da escrevedora iria muito mais além do escrever das cartas, como acontece com a personagem Dora, no filme *Central do Brasil*. Se seu desejo íntimo era o de estar à frente de transcrições de narrativas em formato de cartas, com grandes histórias de reencontros. Seu desejo realizado foi o de ajudar pessoas que apareciam por lá sem a menor ideia das formalidades escritas que tinham que saber para resolver problemas simples com a companhia elétrica, por exemplo. Cristina se voluntariou no programa quando o auge das funções eram os currículos e preenchimento de formulários. De uma surpresa com a realidade, ao

⁷ Marília Chagas, entrevistada em 13 set. de 2021.

entendimento sobre todas as demais instâncias atingidas pelo problema urgente da falta de letramento no Brasil.

Rosalice De Marchi era professora, e continua sendo para mim. Com toda a disposição para me ajudar no que eu precisasse para esse trabalho, se apresentou como sendo só “uma professora” que se voluntariou no *Escreve Cartas*. Isso me deu um aperto tão grande, que não pude deixar de reagir com meu espanto e dizer totalmente o oposto a esse “só”. Entender que o mal estar docente leva o professor a pensar em uma insignificância que é puramente inexistente, é de entristecer. Diante de tudo que o mal estar docente causa, forçar o professor a se colocar numa posição inferior é algo inadmissível, mas, será que na nossa devida condição atual seria fácil pensar o contrário? Sim, você é importante, Rosalice. Espero que nunca mais duvide disso, assim como você não duvida da importância que tem o seu ofício de escrevedora de cartas, que é tão nobre quanto o ofício de professora.

Christina Thornton, trabalhava como gerente, e no voluntariado vinha sempre com um café para quem precisasse, em seu turno das sete horas da manhã. Pessoas em situação de rua apareciam no *Escreve Cartas* a procura de mais cópias de currículos, e aproveitavam para tomar o café por lá. Os currículos são parte tão importante do ofício das escrevedoras, que vão conversando, decifrando as qualidades das pessoas, entendendo os cargos que elas ocupavam e nem mesmo sabiam, para conseguirem algo melhor. Depois, de tão gratas, algumas voltam para contar que conseguiram o emprego. Trabalhar com as narrativas vai muito além da escrita de cartas, as narrativas aparecem para as escrevedoras o tempo todo, aquelas pessoas, que estão na frente das voluntárias, carregam suas histórias, para serem colocadas suas experiências em um formato totalmente formal, como é o currículo. As escrevedoras são peças fundamentais da comunicação de narrativa, seja ela em forma de história, em uma carta, ou em um formato mais informacional, como o de um currículo. Foi lindo ouvir como elas sabiam lidar com essas narrativas, cada uma ao seu modo, humanizando cada pessoa que aparecia no *Escreve Cartas*, da maneira mais pura e justa.

Todas essas conversas, parte essencial do processo do meu trabalho, me acrescentaram muito de alguma maneira, seja para a realização desse estudo ou na minha parte pessoal mais interna. Há algo fantástico em escutar histórias que não são suas, mas que de certa forma acabam te pertencendo a cada ponto final. Para que aquele momento de troca aconteça, você, que nem participou da ação narrada, acaba se tornando o outro protagonista da nova ação que é narrar aquela história passada, Eumara Maciel, trazendo Amadou Hampâté Bâ, já apontou a

magia da narrativa com a riqueza de detalhes em sua tese. Você precisa estar lá para a partilha acontecer, e como é gostoso estar presente. Durante essas nove histórias que passaram por mim, pude ouvir, pude me ver e pude falar também... Falei sobre esse trabalho, falei sobre terminar a graduação, falei sobre mim, e elas ouviram. Foi tão bom. A partir desse momento, quando terminei a nona conversa/entrevista, senti um alívio. Finalmente, depois de tanto tempo, não me senti sozinha, não me senti falando para a tal da bolha acadêmica, não me senti no meu mar de ideias, presa numa ilha de mim mesma, e entendi a busca da Dona Josefa por elas, as escrevedoras.

Em seguida, como parte do processo, essas conversas foram compartilhadas com as quatro arte/educadoras, para que as narrativas saíssem do meu campo de escuta e atingissem outras escutas, de pessoas que trilham caminhos de formação similares ao meu na graduação. Na última semana de setembro, elas tiveram acesso às entrevistas, fizeram anotações das partes que mais chamaram a atenção e compartilharam comigo. Gabi Polizzelli escutou as áudio-narrativas de Margarida Ladeira e Neiva Magali Pena; Geovana Simões escutou Martha Siqueira, Nanci Desajo e Cristina Fernandes; Janaina Delfino escutou Rosalice De Marchi e Christina Thornton; e, por fim, Júlia Lacerda escutou Marília Chagas e Roseli Rossi Monje.

No dia 2 de outubro me encontrei com as quatro individualmente, para que pudessem expor como foi ouvir os áudios. Em um ambiente improvisado para a gravação desse exercício que buscou remexer os afetos deixados pelas conversas das escrevedoras, a condução se estabeleceu de acordo como cada uma foi associando as narrativas das escrevedoras com o que lhes era comum na vida ou campo poético.

Geovana Simões foi a primeira a chegar, ao perguntar sobre o contato com as narrativas, ela logo se assumiu uma fã de histórias, e disse que escutá-las foi como um encontro para tomar café com as três escrevedoras. Aquele tempo de tomar o café me vem como a preciosidade mais simples da vida cotidiana, talvez remeta a minha avó, quando em Campinas tomávamos todas as tardes o cafezinho que ela fazia, sempre regado a conversas rotineiras. Então, aquele “tomar café” com as narradoras transbordou em mim também, e Geovana soube como trazer aquela sensação em uma imagem. No final desse encontro, Geovana escreveu uma carta para uma delas, Nanci Desajo. As três próximas arte/educadoras fizeram o mesmo exercício de escrever uma mensagem. A escrita da carta foi uma surpresa para todas elas, mas colocaram naquele fluxo de emoções, o primeiro contato com aquelas

peessoas que elas ouviram e que de alguma forma as afetaram. Agora era a vez delas afetarem as escrevedoras.

Júlia Lacerda foi a segunda a falar nesse dia, ela disse se encontrar na história das suas duas escrevedoras, mesmo essas sendo aparentemente diferentes da história de sua vida. O que me faz pensar, juntamente enquanto Júlia descrevia essa sensação, que para nos encontrarmos nos outros, basta estarmos dispostos a isso. A partir do momento que estamos abertos a sermos afetados, a empatia se instaura e conseguimos nos ver no outro. E então, fazemos jus ao termo “semelhante” que nos é dado em comparação com todos os outros seres humanos, mas que acabamos por esquecer. Essa sensação de se reconhecer na outra pessoa é tão bonita, que me leva a crer que o mundo teria salvação, em uma ideia utópica de um dia escutarmos uns aos outros, como forma de finalmente nos reconhecermos em outras narrativas. Quem sabe, um dia... Júlia acabou por convidar Roseli Rossi Monje para tomar um café pós-pandêmico, em sua carta.

Janaina Delfino chegou em seguida e contou o mergulho que teve nas histórias que uma das escrevedoras contou, narrativas essas que não lhe pertenciam, mas que eram de outras escrevedoras e que chegaram até ela. Essa terceirização, quarteirização, quinterização de narrativas é o que as mantém vivas. Estávamos ajudando a conservar as narrativas vivas, nessa terra ocidental moderna que querem matá-las a todo custo. A escrevedora Christina Thornton, conta seu caso sobre outro caso de outra escrevedora para mim; Janaina, por sua vez, escuta e procede contando esse caso no exercício, e para outras pessoas. A certeza que a narração, como gênero, estaria livre da extinção, eu não tenho. Mas a certeza de que a narração da Christina, que receberia uma carta escrita diretamente pela Janaina, viverá, essa eu tenho. Não só a narração dela, mas como as das outras oito escrevedoras.

Gabi Polizzelli chegou no final da noite para depositar a ideia de como aquelas potentes narrativas a afetaram de alguma maneira. Como ela falou, o afeto seria o ato de afetar, ser afetada, transpassar. A narrativa, quando ouvida nessa abertura em que se permite o afeto, consegue transpassar, consegue atingir o tal ponto empático do reconhecimento e toca quem ouve, como naquele perfeito momento da troca de histórias na hora do café, em que narrativas terceirizadas serão muitas vezes o foco, para que continuem a serem repassadas. Tudo isso acontece em um tremendo ato de afetar. A carta que a Gabi escreveu à Neiva Magali Pena é exatamente sobre isso. As escrevedoras olham nos olhos, afetam e são afetadas.

No dia seguinte, 3 de outubro, procedemos com uma prática coletiva que foi a dinâmica do grupo focal em torno da questão “Qual a relação entre o ofício de professora e o de escrevedora de cartas?”. Essa parte teve um foco específico em esmiuçar os ofícios em cheque, dentro de suas possíveis narrativas. A primeira sorteada para ler uma resposta e comentá-la foi a Geovana Simões, trazendo ser primordial em ambos os ofícios o encontro, de duas os mais pessoas, que proporciona infinitas coisas, onde um planejamento pode ser modificado a qualquer instante. Possibilidades de se reinventarem, seja em uma aula que dá errado, ou em uma história que está sendo escrita e precisa passar a mensagem de maneira que se entenda. O que atravessaria o campo das frustrações também: uma professora, para se reinventar, teria que entender que alguns exercícios não funcionam com certa turma, por exemplo, enquanto as escrevedoras teriam que lidar com a frustração da mudança da função do ofício ao longo dos anos, em que o serviços de cartas diminuem e os de preenchimento de formulários e currículos aumentam, dando a devida importância para os rumos diferentes tomados.

Gabi Polizzelli, através da resposta da Jana, vai completando com a ideia da professora ser a impulsionadora, que estimula os estudante a se posicionarem no mundo, a conseguirem se expressar de maneira prática, com escrita ou fala, conseguindo ocupar espaços sociais e conquistar seus meios de sobrevivência; quase como o escrevedor, que ajuda a dar a voz através das palavras escritas e auxilia a escrita do currículo para as pessoas reconquistarem seus meios de sobrevivência, sendo que nessa jornada, professora e escrevedora vão aprendendo com quem auxiliam.

Júlia Lacerda lembra que professora e escrevedora ajudariam a organizar os pensamentos de outras pessoas, sendo ambas escutadoras de histórias e questões. Para que essa escuta real aconteça, professora e escrevedora têm que se deixar serem invadidas e tocadas por histórias que não sejam suas, ou seja, ambas as profissões teriam aquelas questões de afeto, empatia e sensibilidade para lidar com as narrativas alheias que te atravessam diariamente.

Janaina Delfino, através do pensamento da Gabi Polizzelli, lembra-nos no entanto sobre a escuta que muitas vezes não se encontra facilmente em qualquer outro lugar. O refúgio seria nos ouvidos da professora e da escrevedora, que inverteria então a lógica da informação em primeiro lugar no mundo moderno, como diz o Walter Benjamin em seu texto já citado, colocando assim as narrativas individuais como primordiais.

Continuando a proposta da escrita da carta, elas formaram duplas para que pudessem experienciar uma pontinha do que seria ofício de escrevedora de cartas. Janaina Delfino transcreve a carta de Júlia Lacerda para Marília Chagas, Júlia Lacerda transcreve a carta de Janaina Delfino para Rosalice De Marchi, enquanto Gabi Polizzelli transcreve a carta de Geovana Simões para Cristina Fernandes, Geovana Simões transcreve a carta de Gabi Polizzelli para Margarida Ladeira e eu transcrevo a carta de Geovana para Martha Siqueira. Como a Geovana Simões ouviu a história de uma escrevedora a mais, me encontrei na situação oportuna de também participar do exercício da transcrição de cartas.

Após isso, a última etapa desse processo aconteceu com a captura de imagens da cidade que faziam sentido para mim no contexto do estudo. Imagens que se interligam com todo esse percurso, tanto com as falas das escrevedoras quanto as reflexões das arte/educadoras. Imagens que despertaram para mim algum significado diante de todo esse processo de trabalhar com narrativas. Uma captura poética do florescer das reflexões em imagens, após ser regada com tantas disparadores nas histórias orais escutadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada pessoa é um filme a ser assistido. Cada história que carregam em si é extremamente única, isso porque o que está impresso nas narrativas vai além de meras informações calculadas, aqui estamos falando de sentimentos. O experimento documental resultante desse Trabalho de Conclusão de Curso em torno das narrativas criou mais possibilidades de histórias se cruzarem, sendo elas faladas, ouvidas e refletidas de maneira sensível e poética pelas escrevedoras de cartas, arte/educadoras e por mim, quebrando a lógica da correria de São Paulo, cidade de 12 milhões de habitantes que é engolida pelas informações e coloca as oralidades individuais em esquecimento.

Os apontamentos de Eumara Maciel dos Santos e Walter Benjamin para o claro desaparecimento da oralidade deste lado do mundo agregaram o meu desejo de trabalhar com as narrativas. Percebi a potência que as histórias têm para as pessoas e fiquei grata em ter compartilhado o manuseio de toda essa preciosidade com os que me ajudaram a realizar o presente resultado. Finalizo este trabalho com a sensação de que resgatei algumas das narrativas que poderiam ter caído nesse esquecimento do mundo moderno, garimpando as histórias ao meu redor, além de vasculhar a fundo questões pessoais e sensíveis para mim,

mesmo esta última não sendo o propósito inicial. Diante da escrita dessa conclusão de TCC, percebo que todo esse processo de trabalho se tornou, em diversos momentos, espelhos que me fizeram olhar para mim mesma e refletir sobre meu próprio eu. Ao observar esses espelhos e perceber o quão afetada fui pelas narrativas enquanto indivíduo, recupero alguns dizeres de Eumara Maciel dos Santos em sua tese, que expressa a importância da narrativa, da fala, e consequentemente da escuta, revertendo, além de experiências em comunidades de tradição oral, a parte da vida individual.

Consideram, em parte da África do Sahel delimitada na obra de Hampâté Bâ, que o meio está transmitindo, a todo tempo, vibrações que podem ser captadas e revertidas em experiência, para, mais tarde, serem oralizadas como meio de transmissão de saberes. Não por acaso, se diz naquela parte do continente: ‘Esteja sempre à escuta’ [...] tudo fala, tudo é palavra, tudo procura nos comunicar um conhecimento.’ [...] Desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como cera virgem’ (HAMPÂTÉ BÂ, 2003, p. 13). O que pode ser observado é que, além de ser um signo carregado de sentidos histórico-culturais, baseada nas definições linguísticas, a palavra envolve forças materiais e imateriais, que regula a vida individual e em comunidade. (SANTOS, 2019, p. 50)

Estive em contato com um meio que propagava vibrações a serem captadas e revertidas em experiências ao longo de todo o percurso da produção do experimento documental. Experimentar isso, esses saberes de outras pessoas transmitidos na oralidade, carregou a magia que abraça a ideia das narrativas. Há uma universalidade no ato de contar, entretanto Eumara Maciel reforça que entre muitos povos africanos, o ato envolve uma simbologia mágica, cujas palavras seriam coisas e, assim sendo, o cuidado com as falas e silêncios seria algo primordial. Durante todo o processo deste estudo, iniciado com as leituras referenciais como base teórica, aprendi um pouco mais sobre este “cuidado” na prática do experimento documental.

Me envolvi com diversas histórias, com pessoas que eu não conhecia *a priori*, mas que depois de uma hora de conversa pelo telefone me fizeram suas confidentes. Histórias que me prenderam a um sentimento de partilha, de estar lá com alguém, e não estar sozinha em meio ao mundo da pesquisa acadêmica. Essas mesmas histórias entraram pelos meus ouvidos e me tocaram de uma maneira íntima. Escutei. Enxerguei. Me enxerguei. Ao mesmo momento que me sentia totalmente vulnerável diante do que chegava sentimentalmente até mim, percebia que do outro lado da linha telefônica também havia uma vulnerabilidade gentil, que despejava sentimentos e emoções, muitas vezes nunca antes expressados em palavras, à uma menina que também não conheciam. Talvez o meu TCC tenha se tornado uma espécie de terapia para

mim, para as escrevedoras de cartas, e até para as arte/educadoras, que escutaram tudo aquilo e, na eventualidade, se colocaram internamente no papel de se rever, assim como eu. Como disse, essa não era a minha intenção, porém não nego ter sido um respiro para a minha alma estar nesse divã.

Propus um diálogo entre essas mulheres, resultando conversas além do meu esperado. Em meio às cartas enviadas das arte/educadoras para as escrevedoras escutadas, uma surpresa... Respostas! Algumas das escrevedoras, com todo o carinho do mundo, mandaram mensagens de volta às cartas das arte/educadoras. Diálogos instaurados, narrativas se criando, sendo as cartas a condutora da comunicação. Depois de todo esse processo de entrevistas com escrevedoras, exercícios com arte/educadoras, enviando as cartas nos *Correios* como ato final, o resultado continua. Ele vai além de toda essa explicação que dei até agora e muito mais além do experimento documental produzido. O resultado continua como uma linha no horizonte, em que é impossível enxergar o fim. A sensação de que este trabalho estará presente na memória dessas pessoas, nas narrativas em construção, nas trocas de cartas vindas por um laço estabelecido aqui, me aquece o coração, me faz perceber que tudo isso, um Trabalho de Conclusão de Curso, que demorou pouco mais de um ano para ser pensado, colocado em prática, tendo a minha parte concluída, não está concluído. O trabalho continua, as relações entre escrevedoras e arte/educadoras se estabeleceram, as cartas continuam sendo enviadas entre elas, e tudo isso não depende mais de mim. Ele continua e o melhor, continua agora guiado pelas mãos das verdadeiras protagonistas desta história, as narradoras.

Posto isso, retomo o que Benjamin menciona sobre a diferença entre narrativa e informação, e me encho da certeza que todo esse envolvimento das narradoras (escrevedoras e arte/educadora) criou histórias que perdurarão por muito tempo.

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver. (BENJAMIN, 1994, p. 9).

O fato de que este trabalho continua e que, por não ter caráter informacional, não ficará ultrapassado, eterniza o movimento criado no experimento documental ao resgatar as narrativas da modernidade que agrega valor momentâneo às coisas.

Depois de cinco anos de graduação no *Instituto de Artes* da UNESP, tendo vivências significativas mais do que meras formalidades acadêmicas, seja com os amigos/irmãos que eu fiz e que levarei para a vida inteira; seja nas aulas práticas com os mestres educadores que me

mostraram os caminhos que poderíamos seguir em sala de aula e no palco; seja nos projetos que participei na Universidade e que me formaram enquanto arte/educadora, fechar este ciclo, esta parte importante da narrativa da minha vida, com um trabalho como este, mostra as reverberações do que foram esses cinco anos para mim. Um trabalho que me fez procurar as sensibilidades das pessoas em suas narrativas. Um trabalho produzido não só por mim, mas realizado de forma coletiva, com tanta gente querida e importante para mim. Afinal, meu encontro com o coletivo foi primordial para mim desde 2017, no meu primeiro ano da graduação. Esse mesmo encontro com o coletivo se apresenta agora, em forma de despedida, me mostrando que sem ele, a graduação não seria possível. Sem o encontro coletivo, as narrativas não são possíveis. Sem o encontro coletivo, as trocas de cartas não são possíveis. Sem o encontro coletivo, uma aula não é possível. Sem o encontro coletivo, nem o teatro e nem qualquer manifestação artística é possível. Sou grata!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. **ESCUTATÓRIA**. Disponível em: <http://www.caosmose.net/candido/unisinos/textos/escutatoria.pdf>. Acesso em ago. 2021.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221. Disponível em: <https://cadernodematerias.files.wordpress.com/2012/03/o-narrador-walter-benjamin.pdf>. Acesso em ago. 2021.

CERRI, D. S.; COSTA, A. P. M.; GOTH, B. A. de T.; CARGUEJEIRO, C. A. R.; HADDAD, L. P.; ANDRARDE, R. A. de; CUNHA, T. M. S.; TUCHUMANTE, T. A.; VILLAÇA, L. Projeto Escreve Cartas: a escrita como um gesto solidário. *In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVI Prêmio Expocom 2009 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação*. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/expocom/EX14-0377-1.pdf>. Acesso em jul. 2021.

COELHO, R. F. Algumas notas sobre a história do cinema documentário etnográfico. *In: Revista Comunicación*, Lima, v. 1, n. 7, 2009, p. 24-41.

GATTI, B. A. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: série pesquisa em Educação, v. 10, 2005.

PERES, D. T. **Um pé em cada canoa: professores de artes entre museus e escolas**. 188 f. 2017. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes, UNESP, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/151158>. Acesso em ago. 2021.

SANTOS, E. M. dos. **A tessitura da palavra: um estudo sobre a oralidade africana na obra literária de Amadou Hampâté Bâ**. 254f. 2019. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/31946>. Acesso em ago. 2021.

SILVA, G. R. F.; MACÊDO, K. N. F.; REBOUÇAS, C. B. de A.; SOUZA, Â. M. A e. Entrevista como técnica de pesquisa qualitativa. *In: Online Brazilian Journal of Nursing*, v. 5, n. 2, 2006, p. 246-257. Disponível em: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/5727>. Acesso em ago 2021.

SPOLIN, V. **Improvisação para o teatro**. Tradução e revisão de Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva, 2010. - (Estudos; 62 / dirigida por J. Guinsburg).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS RECOMENDADAS

BARBIER, R. A Escuta Sensível em Educação. *In: Cadernos ANPED*, nº 5, UFMG, 1993, p. 187-216.

BARBIER, R. A escuta sensível na abordagem transversal. *In: BARBOSA, J. (Coord). Multirreferencialidade nas Ciências e na Educação*. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998, p. 168-199.

COUTINHO, E. O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade. *In: Projeto História*, revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, PUC, São Paulo, v. 15, abr. 1997.

FREIRE, M. Perrault, Rouch: derivas entre o “cinema direto/verdade” e o “cinema vivido”. *In: Significação Revista de Cultura Audiovisual*, São Paulo, n. 38, 2012, p. 27-39.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
Disponível em:
<https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>.
Acesso em jul. 2021.

HOOKS, B. **Ensinando a Transgredir**: A educação como prática da liberdade. 2ª Edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

RIBOLLI, M; ROMANO, L. R. V.. Fernanda Montenegro no corpo da professora: relações entre educação, cinema e interpretação no Brasil, na criação da personagem Dora, de Central do Brasil. *In: Anais do XXXIII Congresso de Iniciação Científica da Unesp: Agenda 2030 e as Perspectivas da Iniciação Científica da Unesp*. Anais, São Paulo, 2021. Disponível em <https://www.even3.com.br/anais/XXXIIICICUNESP/457873-FERNANDA-MONTENEGRO-NO-CORPO-DA-PROFESSORA--RELACOES-ENTRE-EDUCACAO-CINEMA-E-INTERPRETACAO-NO-BRASIL-NA-CRIACAO>. Acesso em jan. 2022.

APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO DO EXPERIMENTO DOCUMENTAL

Margarida: Alô!

Mariana: Oi, Margarida. Aqui é a Mariana!

Margarida: Oi, tudo bem Mariana?

Mariana: Tudo jóia e você, como é que tá?

Margarida: Então, primeiramente Mariana, eu sou professora de português. Quer dizer, eu me formei em Letras e dei aula há muito tempo de português.

Rosalice: Não tem nada de especial não, só uma professora aposentada.

Mariana: Mas isso é muito especial.

Martha: E eu entrei em 2008. Quando me aposentei, eu queria trabalhar com alguma coisa voluntária. E uma vizinha minha, coisa assim, uma vizinha a minha um dia me disse: Olha, na Gazeta de Santo Amaro estão procurando por voluntários para o Escrever Cartas do Poupatempo. Eu fui e achei muito interessante, porque era exatamente o que eu fiz a vida inteira, que eu era secretária.

Nanci: Eu sou jornalista e não trabalho mais na área, porque fiquei velha e comecei a tomar conta de idosos.

Neiva: Eu tenho 60 anos e até hoje eu gosto muito de escrever. Sempre gostei de escrever e trabalhei muitos anos no banco.

Marília: Olha, primeiro que eu nunca tinha participado de nenhum trabalho voluntário, porque eu sempre trabalhando como professora.

Cristina: Eu trabalho na área editorial, trabalho com livros, tradução, edição, enfim, sempre gostei de ler.

Christina: Eu era gerente da Cultura Inglesa, o meu dia não tinha horário para começar nem horário para terminar.

Rosalice: Foi muito bom escrever cartas, porque na verdade estou na parte de Exatas.

Mariana: Nossa!

Rosalice: Eu estou! Eu sou contadora e sou melhor professora de matemática.

Margarida: É uma experiência bacana. É... Qualquer trabalho que você possa ajudar as pessoas é gratificante. Você deu seu tempo para ajudar outras pessoas, porque, às vezes eu penso, dá dinheiro é fácil. Às vezes a pessoa fala assim: Ah, eu tô dando dinheiro e que se

virem. Porque muitas pessoas doam dinheiro. Mas eu acho que o trabalho da pessoa, de dar o tempo dela, é muito mais valioso, porque ela está ali, de frente para as pessoas, ela está cedendo o tempo dela. Porque o tempo que é tão tão valioso, e muito valioso, ele é mais valioso que o dinheiro. Então eu acho bacana isso, de você ceder o seu tempo para ajudar outras pessoas.

Martha: Uma vez um cara que era músico e ele foi lá para fazer uma carta que ele estava encaminhando, ele ia levar numa rádio com o CD dele, ele tinha gravado o primeiro CD. Ele tinha que levar aquele CD, mas ele estava tão feliz e foi lá para a gente fazer uma carta para encaminhar esse CD. Eu fiz a carta pra ele tudo e ele falou “Mas eu tenho que te pagar! Isso aqui tá muito bom! Como que eu posso te pagar?”. E eu falei “Não, não tem como! Não tenho nada que receber. Eu sou voluntária.” E ele disse “Ah, mas então eu vou cantar para você!”. Você acredita que ele colocou o joelho na cadeira assim, ficou de pé e começou a cantar em altos brados no Poupatempo.

Margarida: E é assim com as outras pessoas estranhas também, porque outro dia teve um rapaz, ele levou um lanche para uma pessoa da rua e levou um para ele também, e os dois comeram juntos sabe. É bacana isso, é você está ali junto, vivenciando aquele momento, aquela situação. Eu acho bacana isso.

Martha: Sabe você aprende a olhar o seu semelhante como algo semelhante mesmo, a pessoa é igual a você, né... E que só não teve as oportunidades que você teve, que poderia ter crescido muito mais. As pessoas pensam que é muito fácil você pegar um computador, “Ah, pega um computador, você digita não sei o que e pronto. E manda um email, manda um contato assim, manda o currículo por e-mail.”, mas isso não é verdade, porque a maioria das pessoas não tem computador.

Nanci: E aí era uma maneira de contar os casos das pessoas do jeito que elas narravam. E eu era apenas mais um narrador da vida daquela pessoa e fazer chegar no destino as palavras que ela queria falar.

Júlia: Oi!

Mariana: Como foi para você o encontro com essas mulheres?

Geovana: Humm... Como foi para mim encontro com essas mulheres. Bom, eu amo história. Eu amo história, eu amo ouvir histórias, então foi muito interessante e eu gostei muito de ouvir a história de pessoas que eu nunca vi, sabe. E eu gosto dessa coisa de escutar e aí poder imaginar, sei lá como é essa pessoa, o que ela faz, como ela toma o café, sei lá, umas coisas assim, através do que ela está falando.

Janaina: Para mim foi muito interessante conhecer a vida delas, fora as histórias que elas contaram. Assim, você fica curioso para saber quem são essas mulheres.

Gabi: Foram duas experiências diferentes. Eu senti que a Margarida tinha uma narrativa muito direta. Então eu ia ouvindo e eu ia absorvendo informações assim, sobre o trabalho. Já a Neiva, eu senti que ela tinha muito sentimento envolvido. Então eu acho que isso foi o que mais me chamou a atenção as narrativas mais internas dela, sabe. Então foram duas experiências interessantes, mas muito diferentes entre si.

Júlia: Foi um momento, como elas trouxeram muito, de muita escuta assim, você escutar a história de outra pessoa é algo muito sensível. Porque você não pode escutar de qualquer jeito, porque tem uma importância para aquela pessoa. Então foi um momento muito gostoso de ouvir histórias e falar “Caramba. Eu não tive essa história, mas a outra pessoa teve!”, então essa troca de histórias que eu pude ouvir dos áudios delas, foi muito enriquecedor assim de ouvir histórias que não a minha. Acho que foi muito gostoso ouvir as experiências delas, o processo delas chegarem até o escrever das cartas, como era para elas estar ali, as histórias que ouviram tristes e felizes, a maneira como as pessoas agradeceram elas por escutarem as histórias delas, então eu tive o prazer de poder escutar um pouco das histórias delas.

Mariana: É uma coisa mais complexa... E como que essas narrativas reverberaram em você, de certa forma, não sei se você escutando na hora ou alguma que cruzou com a sua história em algum ponto, seja do que elas não contaram ou seja do que você sentiu ao ouvir essas histórias.

Gabi: Eu acho que foi a Margarida que falou isso. Eu acho que foi que ela falou isso, que dá o seu tempo para alguém é muito mais valioso do que você dá dinheiro para uma pessoa que está carente. Quando você dá o seu tempo para a pessoa, quando você está ali na frente dela e você está oferecendo uma ajuda que é de um outro lugar, que é de um lugar de olhar no olho enfim, é muito mais valioso do que você dar dinheiro para uma pessoa que tem muitas necessidades, inclusive financeiras e tal. E eu não sei, isso ficou na minha cabeça assim desde que eu ouvi a entrevista. Isso ficou na minha cabeça assim como a gente fica muito nesse lugar do financeiro e como a ajuda pode vim de outros lugares. Às vezes só você olhar para a pessoa que está falando com você, que está pedindo alguma coisa né, mais do que só dar algo. Enfim eu fiquei pensando nisso

Júlia: Achei muito doido, eu comecei a pensar como seria se eu fosse escrever uma carta sobre a minha história, sobre alguma questão da minha vida, então isso me remeteu também a pensar sobre a minha história. Não sei. Então eu escutava elas falando, e até uma comentou do pai, que teve um pai ausente e ela fez a relação com a carta. Então tudo o que elas falavam me remetia a alguma coisa, mesmo, por exemplo eu não tive um pai ausente, mas eu comecei a buscar na minha história pontos de contato com essa história, com essas histórias que eu estava ouvindo, que não eram só histórias de uma pessoa, era a história dela e de outras pessoas que passaram por ela. Então eu me coloquei no lugar de visitar minha história

Janaina: Conhecer essas histórias, acho que faz a gente também se conhecer né, porque... Faz a gente se conhecer, porque você fala “Nossa, caramba. Olha o que essa senhora faz.”

Geovana: Eu gosto muito desse encontro, desse contato e ouvir histórias, então elas estarem nesse lugar, nesse programa de escrevedoras, totalmente aberta sem saber o que vinha pela frente, sabe. E de peito aberto o tipo “Olha, vou tentar te ajudar no que você está precisando, sabe.” e escrever aquilo. Nossa, foram coisas que eu não tinha parado para pensar que o programa poderia ocasionar. Então por exemplo, tipo uma delas comenta que ela tenta colocar no papel o sentimento da outra pessoa, só que ao mesmo tempo ela não pode criar em cima daquilo, porque é o que a pessoa está sentindo, o que a pessoa está falando, sabe. Mas ao mesmo tempo ela também precisa ter um certo distanciamento daquela história e daqueles sentimentos todos. Então me atravessou muito nesse sentido de... Puz, nunca tinha parado para pensar que essa questão de você mediar uma escrita poderia acontecer.

Telefone tocando.

Mariana: Alô!

Marília: Oi Mariana!

Mariana: Oi Marila!

Marília: Oi! Tudo bom?

Mariana: Tudo bom e você?

Marília: Tudo jóia!

Júlia: Eu definiria como uma pintura, porque a história que ela me contou... Que ela me contou, eu achei que era para mim (risos)... A história que ela conta da pintura, me trouxe, não sei porque, muito a ela. Não sei se foi o momento que eu mais mergulhei na fala dela, então eu imagino ela como uma pintura. Não sei dizer o que. Talvez uma árvore pintada, um quadro de uma árvore. Eu definiria a Marília assim, com raízes com várias raízes, que são essas histórias que compõem ela e ela continua crescendo com essas raízes, com essas histórias que vão alimentando ela. Então acho que eu definiria ela como uma pintura de uma árvore.

Telefone tocando.

Mariana: Oi Neiva, tudo bom?

Neiva: Tudo bem?

Mariana: Tudo jóia!

Gabi: Inclusive no começo eu lembro que ela fala assim, é eu acho muito engraçado também como a narrativa evoluiu, no começo ela fala como ela sentia que a expectativa de escrever cartas tinha sido frustrada, porque ela não escreveu tantas cartas quanto eu achava que escreveria, e no final ela já está contando histórias das pessoas que ela escreveu cartas e falando como foi importante. Então acho que esse processo de autoanálise dela me pegou muito, porque eu sou uma pessoa que eu sinto que eu faço isso também. Assim, eu falo e eu vou revendo, e como é bonito ver, acho que me tocou me tocou ver assim como a narrativa vai evoluindo para um lugar que é muito bonito assim. Então acho que essas coisas me tocaram mais nas narrativas.

Telefone tocando.

Nanci: Alô!

Mariana: Alô! Oi Nanci, aqui a Mariana.

Mariana: Você falou que você conseguia ver como elas, as três, tomavam café, conhecendo elas por esses 30 minutos... Como que a Nanci toma esse café.

Geovana: Nossa para mim é aquele pires de vidro marrom, sabe, junto com a xicrinha também, que é de vidro marrom, tipo bem antigo assim. E aí ela estava com o neto dela, então para mim o neto estava na frente dela, ela tomando café, e ela tomando com a mão direita, não sei porquê, mas imaginei com a mão direita, e ela se preocupando assim com o neto, se ele também estava comendo o pão de queijo. Para mim me veem um cenário às vezes até de Minas Gerais assim, sabe. Tipo uma cozinha relativamente grande, uma mesa de madeira com uma toalha e um plástico em cima sabe. Acho que é também um pouco de referência da minha avó isso, mas me veio essa imagem enquanto ela falava, porque... Eu não sei dizer, mas eu eu fui muito atravessada pela voz dela.

Telefone tocando.

Christina: Alô!

Mariana: Alô! Christina?

Christina: Sim.

Janaina: A Christina... é muito engraçada assim, me lembrou muito uma atriz que eu gosto muito que chama Ida Gomes. Eu pensei assim o trabalho dela na novela O Bem Amado e eu inclusive estou assistindo esses dias. Eu acho que a Ida Gomes, que é uma professora na novela, é uma novela dos anos 70. Ela tem esse jeito assim mais, como que é a palavra... Mais polido, mais polido. Acho que é polido... E aí eu fico imaginando a cena pra mim, então era essa personagem assim sabe.... Chegando assim para falar com você. E ao mesmo tempo a diretora da escola, sabe.

Mariana: Alô!

Roseli: Oi Mariana!

Mariana: Oi, Roseli! Tudo bom?

Júlia: Antes de da conversa começar, que ela estava falando da vida dela mesma e das experiências que ela tinha tido, de falecimento, eu não sei o que, e é aí na voz dela eu ouvia uma pessoa que tinha perdido alguém, mas que estava querendo compartilhar. Assim, ela perdeu algo, mas ela estava querendo dar algo... Dá para entender, não sei se dá para entender. Ela tinha perdido algo recente para ela, mas ela ainda estava ali querendo dar. Essa história dela, essa voz dela. Eu relatei mais pensei mais na Roseli.

Mariana: Alô!

Martha: Alô! Mariana?

Mariana: Oi Martha, tudo bom?

Geovana: Então ela me vem como uma pessoa muito mais direta sabe, muito mais objetiva assim... Mas ao mesmo tempo ela escreve cartas, então essa complexidade da pessoa, tipo porque você pode ser prático, mas também você pode ter uma sensibilidade, sabe. Então eu

acho que essa união de coisas que talvez você pense “Putz, como que vai conectar uma pessoa prática objetiva, com uma sensibilidade de escuta e que escreve, sabe.”

Mariana: Alô!

Rosalice: Alô.

Mariana: Oi! Rosalice!

Rosalice: É sim!

Mariana: Oi Rosalice! Aqui é a Mariana!

Janaina: Ela tem esse jeito muito acolhedor e simples de falar e de querer ajudar. E eu vi que no depoimento da Rosalice ela estava muito querendo participar, querendo ajudar, muito fofa. Achei muito fofa.

Cristina: Alô

Mariana: Alô Cristina!

Cristina: Sim!

Mariana: Oi! Tudo bom? É a Mariana aqui!

Geovana: A Cristina.... A Cristina, eu senti pela entonação da voz dela que ela se frustrou muito com o programa, porque ela entrou justamente por conta da Central do Brasil. Então ela esperava, sei lá, que ela ouvisse muito mais histórias pessoais. Só que quando ela chegou lá era muito coisas formais, então era mais relacionada ao currículo, portfólio, escrever formulário. E aí eu senti através da fala dela e da entonação que ela se frustrou muito, porque ela tinha uma ideia muito mais talvez de romance assim.

Mariana: Agora eu quero que você escrevi uma carta para uma delas. Você pode falar sobre a entrevista ou não, pode perguntar como foi o dia delas, pode puxar algum assunto que te interessou durante a entrevista.

Júlia: Tá! Aí, eu vou escrever aqui.

Mariana: Pode ler, Jú. Por favor.

Júlia: Roseli, você me parece uma mulher cheia de histórias e eu gosto muito de histórias. Me parece também uma mulher cheia de sentimentos e eu gosto muito de sentir. Adoraria depois que tudo isso passar, a pandemia, tomar um café, um lanche da tarde, um chá, qualquer coisa com você para que eu pudesse te escutar. Você já escutou tanta gente e agora gostaria de escutar você.

Gabi: Eu acho que eu quero escrever e ler no final.
Acho que escrevi... Eu posso ler?
Querida, Neiva....

Confesso que em alguns momentos me perdi na narrativa, mas em outros me encontrei junto com você. Pude ver os olhos das pessoas que você ajudou, ao dar palavras escritas...

Janaina: Oi Christina, com ch, Christina... Aqui é a Janaina, é... Eu ouvi seu depoimento, além de ficar imaginando como você seria, o seu jeito, é tão de uma narradora, de uma contadora de histórias, uma contadora.

Geovana: Gente, faz muito tempo que eu não escrevo carta, não sei nem mais como começa...

Vou colocar Nanci...

Eu quero acreditar que ainda existe minimamente um pouco de justiça. Nossa... Sei lá está me passando um filme na cabeça, de tudo o que a gente está vivendo sabe. Às vezes através das histórias que, tipo a gente quer, sei lá, ainda acreditar em algumas coisas.... e eu quero minimamente acreditar que ainda existe um pouco de justiça, sabe.

Mariana: Agora eu vou pedir para Gabi escrever uma carta para outra escrevedora com quem você teve contato com depoimento. E você vai ditar essa carta para Ge, que vai transcrever a carta, como é o ofício de uma escrevedora.

Gabi: Querida Margarita. Suas mãos convidam. Convidam ao afeto, a quem é carente deste. Convidam como quem diz: Vêm, eu te ajudo.

Mariana: Agora vocês podem inverter os papéis.

Geovana: Gabi transcreve e eu falo. Estou pensando, eu tenho que escrever como se fosse eu? Porque pensei como se fosse alguém que ela ajudou agradecendo. Não, tem que ser eu? Cristina.

Gabi: A com h ou a sem h?

Geovana: A sem H...

(voltando a ditar a carta) Antes da pandemia, fui até o Poupatempo, e pedi para você fazer um currículo para mim. Talvez você nem se lembre quem eu sou, mas você foi muito importante para mim.

Mariana: Ge, você tem mais uma escrevedora, né? Gabi, você troca de lugar comigo?

Gabi: Sim.

Mariana: Eu escrevo para ela então. Ge, você fala para mim, agora eu sou sua escrevedora e você pode ditar a carta para a Martha.

Geovana: Ouvindo o seu áudio, gostaria de agradecer.

Mariana: *(lendo em voz alta)* Gostaria de agradecer como educadora por participar e coordenar o projeto, porque a partir dele muitas histórias puderam ser comunicadas.

Agora eu quero que a Ju dite uma carta para escrevedora Jana.

Janaina: Ai eu vou...

Mariana: Você vai transcrever.

Júlia: Marília... Eu acredito que somos parte de muita gente. E agora, você e toda a sua história, fazem parte de mim.
Obrigada!

Mariana: Agora a gente pode trocar de lugar. Agora você, Jana, vai escrever uma carta através da escrevedora Júlia, para uma das escrevedoras com quem você teve contato o depoimento.

Janaina: Vamos lá! Então vou escrever para Rosalice.

Júlia: Com S?

Janaina: Com S.

Obrigada por compartilhar comigo suas histórias e seu jeito de ser.

Christina e Neiva: *áudios misturados*

Christina:... contar alguma coisa do neto, ele está na escola. Quando é que ele faz anos? teve uma festinha para ele? Quem são os amiguinhos dele

Christina e Neiva: *áudios misturados*

Neiva: Imagina o conflito dela né. E aí ela não tinha ainda a documentação do que ela queria ser chamada do nome social. Acho que assim que fala, nome social.

Margarida: Eu ficava feliz de poder ajudar as pessoas que não sabiam escrever, de transformar aquelas histórias que elas tinham dentro delas em uma carta, em uma escrita para alguém que ela gostava, ou que estava distante, porque lá não só era e cartas assim pessoais, mas também carta tipo para programas de televisão.

Rosalice: Nesse período eu escrevi poucas, porque eram cartas assim de mães ou esposas ou irmãs para presidiários. Coisa triste, sabe.

Neiva: Eles mesmo que estão contando se emocionam, então começa a contar e começa a chorar na sua frente. Tem toda essa troca e você também tem que entender o lado dele e não não questionar, não ficar perguntando e nem tirar conclusões, né. É ouvir e ela também, eu escrevia do jeito que ela ia falando.

Rosalice: Que não estava reescrevendo a história de ninguém. Eu estava só contando para outra pessoa, para essa terceira pessoa, o que eu familiar queria contar, a falar e expressar.

Nanci: Eu, no momento que eu estava escrevendo, era como se eu fosse a mão da pessoa, porque a emoção toda que ela me passava, eu conseguia, graças ao meu trabalho de jornalista, eu conseguia escrever exatamente aquilo que ela queria e depois que eu escrevia, eu lia tudo

para ela, o que eu tinha escrito, e aí muitas pessoas choravam, outras pessoas ficavam tão agradecidos, que eu acho que foi o melhor trabalho que eu fiz na minha vida. Não é só escrever “Pai eu te amo”. Não é só as letras, as consoantes e vogais que estão ali no papel. É todo um despejo de sentimentos, sabe.

Neiva: Por exemplo, o jeito de falar, mesmo que repetia, que ficava assim meio estranho, eu deixava que era para ele, a hora que ele recebesse a carta, eu tinha certeza que ele ia falar “Nossa, foi minha mãe que falou isso tudo mesmo.”, para colocar um sentimento, não era só as palavras, é aquele sentimento, como aquelas palavras iriam gerar um sentimento a quem estivesse lendo

Marília: De que você tem que saber ouvir a pessoa para você poder, depois, redigir a carta ou documento que ela está pesquisando escrever. Às vezes as pessoas iam lá, era só para desabafar mesmo para conversar, saber como que a gente tava.

Neiva: Por mais rápido que você escreve, quando a pessoa começa a fica super eloquentes e ansiosa, enquanto está falando, então você vai além disso escrevendo. Então assim, eu lembro que nossa foram três, quatro páginas, porque eu falei eu não vou podar, o que ela quer escrever.

Roseli: Às vezes me dava uma tristeza, mas ao mesmo tempo eu sabia que estava de alguma forma ajudando alguém a colocar o sonho dela ali, de conseguir alguma coisa nesses programas de TV. A gente sabe que não é tão simples assim, mas a gente dava uma esperança para a pessoa

Martha: Aprendi muito mais do que dei, tenho certeza. Porque o que eu dei foi muito fácil para mim, eu não fiz esforço nenhum e o que eu recebi foi muito melhor. Sinto falta de fazer um trabalho voluntário. Hoje eu não saio mais caso por causa da pandemia e sinto falta.

Neiva: Você fica mais grata a vida. Você aprende a respeitar melhor o outro, porque quantas vezes não chegava.... Eu mesma assim, porque a gente tem preconceito... Quando chego um ex-presidiário, que ele falou que era presidiário, a minha reação imediata foi olhar se o segurança estava ali perto... É cruel a gente fazer isso.

Roseli: Oitenta por cento das pessoas que procuravam era para currículos... Quinze por cento seriam cartas e cinco por cento seriam formulários que às vezes precisavam.

Christina: As pessoas vinham com tanta seriedade acreditando... Alguns perguntavam “Então quando é que vão me chamar para a entrevista?”... O que é que você responde, meu deus?

Marília: Valeu a pena e eu parei por causa da pandemia, que com a pandemia suspenderam tudo e a gente não sabe quando volta e se volta, porque a maioria dos devedores são pessoas que já são aposentadas.

Roseli: E até hoje eu sempre gosto de escrever alguma coisa. Com certeza vai escrever sobre você no meu diário.

Mariana: Que legal que legal.

Roseli: Era o mantra da minha mãe, então eu tenho muito isso comigo. Ela não está mais aqui entre a gente, mas ela deixou um legado muito bacana para gente do jeito que ela era né. É assim... Bom, enfim... Eu comentei isso, porque eu sempre peço a Deus que pessoas boas passem pelo meu caminho, que eu possa também ser um sorriso na vida de alguém.

Christina: “Então você colocava as coisas no caminhão ?” e ele dizia “Sim!”... “E depois retirada quando você chegava no lugar?” e ele dizia “Sim!”... “Então era um trabalho importante, né! Você era carregador de caminhão!” e ele falava “Ah, é isso mesmo.”.

Cristina: Ele tinha um sotaque muito forte, falava meio baixo e aí eu perguntei o nome, ele falou eu não entendi. Aí eu pedi para ele repetir o nome, eu não entendi. Aí quando eu perguntei pela terceira vez o nome dele e eu percebi que ele se irritou, assim ameaçou ficar zangado. E eu falei “Ai, meu Deus. Eu não posso irritar o moço.”, mas eu não entendi o que ele falava, o nome... Daí eu falei “Senhor me desculpe, é que eu sou meio surda.” Eu tive que dar um jeito, né.

Marília: Se as pessoas hoje não estão nos procurando e elas dizem que agora elas falam pelo celular, é que a situação financeira delas melhorou, porque se não tivesse melhorado elas não teriam condições de adquirir um celular para poder estar falando né. E a gente falava “Ai, que é bom. A gente agora tem menos trabalho, mas que bom que as coisas estão melhorando e tal”.

Roseli: É outra coisa também, aprender a ouvir... Outra coisa que às vezes o ser humano não tem muito costume de parar e tentar ouvir o outro. Então no Escreve Cartas, você teria que estar com seus dois ouvidos abertos mesmo, sem julgamento, sem dar opinião. Você só reproduzia aquilo que a pessoa queria que colocasse naquela carta que ela ia enviar para um outro.

Mariana: E o que significou para você escutar todas aquelas histórias nesses dois anos que chegavam até você?

Nanci: Sabe, a minha filha fez essa mesma pergunta. Eu respondi para ela que era um livro narrado, que era como se eu estivesse lendo um livro, um livro que era narrado, porque ali foram todos os capítulos das vidas das pessoas eu fui pegando. Teve pessoas que escreviam mais que uma carta e eu já conhecia pelo nome, sabia para ela escrever, e assim foi... Era uma colcha de retalhos de histórias das vidas das pessoas.

ANEXO A - TERMOS DE CONSENTIMENTO

.